

## CARTA AO EDITOR

Senhor Editor:

Se folhearmos com atenção a Revista que nos chega, e que há dezenas de anos vimos recebendo, e ressalvada a qualidade do papel, uma talvez maior exigência formal de rigor nos materiais publicados e outras menores alterações subsidiárias das novas tecnologias tipográficas, continuamos a ter a velha Revista Portuguesa de Pediatria e Puericultura que há quarenta anos, com caprichosa irregularidade pelo correio nos chegava.

Quem dirá que se trata de uma revista de gente do nosso tempo inovadora e progressista, ousada no que se escreve, ao menos no campo das hipóteses, crítica em relação aos grandes problemas não resolvidos na nossa sociedade, ou espelho da sensibilidade e dos empenhamentos de ao menos alguns de nós?

Há igual lapso de tempo leitor de outras revistas médicas, de que distingo o centenário «The Lancet» e o velhíssimo «New England Journal of Medicine», parece-me, ao folhear as suas edições e ao compará-las com a nossa revista, estar a ler publicações de séculos diferentes.

A própria secção de Cartas ao Editor de qualquer delas, onde é permanente a proposta inovadora, a atitude crítica, a dúvida cortez, o caso clínico anedótico mas formativo, a referência à legislação que cá como lá vai incomodando os médicos, e até a poesia, que no Lancet agora se oficializa com a criação de um «Departamento de Poesia», além de outros inovadores Departamentos de conteúdo humanístico, ou a publicação de magníficas fotografias, não como ilustração de coisa nenhuma mas apenas pelo seu conteúdo estético, que cada vez mais se cultiva no New England, tudo isto nos impõe a sensação de estarmos, não em países diferentes mas em mundos diferentes.

Não contribuiria um rejuvenescimento da Revista, com larga abertura aos valores culturais e humanos, a uma nossa própria humanização?

Desde que nasceu esta pobre secção de Cartas ao Editor quantos de nós tivemos o atrevimento de dirigir uma crítica ou publicar um comentário ou exprimir alguma saudável ironia? Será que esta revista é mesmo lida por alguém? Ou será que esta revista é tão perfeita e a nossa vida como classe e a nossa vida como sociedade, no que diz respeito aos aspectos que contendem com a saúde, não tem que se lhe diga?

Embora esta carta vá longa, mas crendo que a humanização dos cuidados que por nossas mãos ou por nossas máquinas vamos prestando, às vezes brada aos céus, tomo a liberdade de pedir a publicação junto, de um poema publicado no Lancet, e que me parece conter uma mensagem de enorme importância e revelar o olhar atento e comprometido de um colega nosso, que soube afectivamente exprimir aquilo que, possivelmente, alguns de nós sentimos em semelhantes situações.

### COMO POSSO SER EU?

Acabem com a água  
Salgada e doce  
Correndo-me nas veias.  
Acabem de insuflar-me  
Com oxigénio.

Já cheguei ao fim e não sou  
Uma semente prestes a florir,  
Embora o ponto luminoso  
Desenhe no écran  
Uma dança mimando a harmonia  
Neste caos do meu corpo,  
E o respirador ocupe  
Todo o espaço  
Da voz que me cala.  
Seja-me ao menos dado  
Introduzir no écran  
O sinal do meu só desejo  
Um pássaro que voando  
Diga  
«Deixem-me partir»

*Conrad Rosenberg, M.D.  
The Lancet, Maio 1990*

E quantas vezes no que escrevemos é a criança a primeira pessoa?

*Manuel Abecassis*



## EM RESPOSTA

Lemos com o maior interesse e toda a atenção a carta que foi enviada a este jornal pelo Dr. Manuel Abecassis.

Não podemos deixar de concordar com tudo o que nela vem expresso. As críticas feitas ao conteúdo da revista, durante os já longos anos da sua publicação, não poderiam ser mais pertinentes sobretudo no momento em que uma nova revista – a Acta Pediátrica Portuguesa – está dando os primeiros passos podendo, assim, ensaiar novos caminhos.

Como um dos responsáveis, durante anos, pela anterior Revista Portuguesa de Pediatria, julgo que muitos dos seus leitores terão lido os apelos – alguém lhes chamou patéticos – por mim lançados em sucessivos editoriais pedindo a colaboração dos leitores, não com artigos ditos científicos, que esses nunca nos faltaram independentemente da sua qualidade, mas sim em

matérias tais como as que são sugeridas pelo leitor que hoje se nos dirige.

Não poderei fazer mais, nesta breve resposta, que juntar os meus votos aos do Dr. Manuel Abecassis agora que a nova revista pediátrica conta, entre os seus responsáveis, com personalidades que, a vários níveis podem contribuir para torná-la o jornal obrigatório de todos os pediatras portugueses. Uma revista que seja lida com prazer, seja informativa e, que ao mesmo tempo, pelo seu conteúdo estético e humanístico possa contribuir para mostrar uma Pediatria actual onde todos se revejam e tenham vontade de colaborar.

*M. L. Levy*